



FORMAÇÃO TALIESINIANA · APOSTILA 02



A FLOR DE VERBENA

Fundamentos e compromisso com a Arte

Uma escolha que encontra raízes e se torna experiência

Sérgio Lourenço



CERRIDWEN · AWEN · HERNE





Da crença à experiência

Conhecer a história da Wicca nos ajuda a reconhecer suas raízes. Agora, precisamos compreender o que essas raízes sustentam. Uma religião pode ser descrita por conceitos, mas seu sentido se aprofunda quando esses conceitos encontram o corpo, os afetos e as escolhas de quem a vive. Na Arte, o estudo prepara a experiência, e a experiência devolve novas perguntas ao estudo.

Chamamos de ortopraxia essa centralidade do fazer. A Wicca se reconhece nos ritos, na relação com a natureza e no modo como seus praticantes se aproximam do sagrado. A teoria oferece linguagem e orientação, mas não constitui um ponto final. Seu valor está também em favorecer a transformação pessoal e uma relação consciente com a Deusa e o Deus.

Crença e prática caminham juntas. Os Deuses podem ser compreendidos como manifestações simbólicas e corporificadas do sagrado, por meio das quais construímos uma relação íntima com a existência. A compreensão religiosa amadurece naquilo que somos capazes de vivenciar, reconhecer e integrar à nossa vida.

Nesta etapa, estudaremos a cosmologia e a ética wiccanas, percorrendo depois os cinco pontos do Caminho da Flor de Verbena: Espírito, Terra, Água, Ar e Fogo. Esse percurso oferece uma preparação da consciência antes do treinamento prático. Ao final, conheceremos a história, a abertura pública e os nove princípios da Tradição de Taliesin.

As perguntas reflexivas desta etapa pertencem à preparação original do caminho e serão preservadas. Os exercícios formais, com numeração contínua, começam na apostila seguinte. Antes deles, importa perceber que uma escolha espiritual envolve discernimento, disponibilidade e responsabilidade. Ninguém pode viver em nosso lugar aquilo que desejamos conhecer.

Percurso de leitura · Cosmologia e ética: pp. 3-6 · Flor de Verbena e elementos: pp. 7-13 · História e identidade: pp. 14-16 · Nove princípios: pp. 17-18 · Referências: p. 19





Paganismo: o sagrado na natureza

A cosmologia orienta a maneira como uma religião compreende a existência. Para conhecer a Wicca, precisamos nos aproximar de sua relação com o paganismo e o neopaganismo. A origem de “pagão” remete a *pagus*, o campo, e evoca a vida ligada à terra, ao cultivo e ao território. Essa imagem nos recorda que a espiritualidade pode nascer da atenção ao mundo que nos sustenta.

Plantar, colher, observar as estações e acompanhar o clima exige relação com ciclos que não obedecem apenas à vontade humana. Lua, água, animais, vegetação e ritmos de fertilidade participam dessa experiência. No horizonte pagão, o sagrado se manifesta na natureza e em nossa participação nela. A ancestralidade também se vincula aos lugares e aos modos de habitar a Terra.

O neopaganismo reúne formas contemporâneas de renovação e reconstrução de referências pagãs. A Wicca pertence a esse universo, preservando a relação com a natureza enquanto organiza uma experiência religiosa moderna. Reconhecer essa condição permite compreender suas referências antigas sem confundir todos os seus ritos com uma reprodução literal do passado.

O animismo reconhece espírito, consciência ou uma essência viva nas coisas. O politeísmo admite múltiplas divindades e forças do cosmos. O panteísmo compreende a totalidade como divina; o panenteísmo reconhece o divino em tudo e tudo no divino. Essas perspectivas oferecem diferentes linguagens para pensar o sagrado e podem dialogar na experiência wiccana.

Nesse horizonte, corpo e matéria participam da vida espiritual. A natureza não é compreendida como um cenário inerte sobre o qual o divino atua de fora. Ela constitui uma expressão do sagrado. Por isso, a relação com a Terra, com outros seres e com nossa própria existência integra a prática religiosa.

A cosmologia aqui estudada não se organiza pela oposição entre pecado e salvação, nem pela condenação da matéria em favor do espírito. Ela procura uma vivência integrada. Essa diferença precisa ser compreendida como característica deste caminho, respeitando a diversidade que também existe em outras religiões.





A Deusa, o Deus e os ciclos da vida

Uma das estruturas centrais da Wicca é o duoteísmo: a relação entre a Deusa da Lua e o Deus Cornífero. Essas divindades expressam forças naturais e oferecem uma linguagem para acompanhar nascimento, vida, morte e renascimento. Em algumas organizações tradicionais, sacerdotisa e sacerdote representam ritualmente a Deusa e o Deus.

A Deusa manifesta o princípio criador e gerador da vida. No ciclo mítico, o Deus pode ser seu filho, consorte e amante, atravessando diferentes momentos da existência. Essa relação apresenta uma dinâmica cosmológica. Na Tradição de Taliesin, as polaridades não impõem uma categoria biológica nem uma restrição de gênero: são forças em relação.

O percurso do Sol, do nascimento diário ao ocaso, oferece uma imagem da jornada do Deus. O mesmo movimento aparece nas estações e nos oito sabás da Roda do Ano. A Deusa constitui a natureza em que a vida se manifesta, enquanto o Deus percorre sua transformação cíclica. A organização particular das celebrações taliesinianas será estudada em sua etapa própria.

A Lua espelha as faces da Deusa: Donzela na crescente, Mãe na cheia e Anciã na minguante. Alguns caminhos reconhecem ainda a face Obscura ou Encantadora na Lua Nova. Essa dimensão reúne geração e dissolução, instinto e metamorfose. O ventre que acolhe o nascimento também evoca o retorno da vida ao mistério.

A reencarnação participa dessa compreensão religiosa. A alma é entendida como capaz de atravessar um plano espiritual após a morte e retornar à existência material. Os ciclos observados na natureza oferecem uma base simbólica para essa crença. Trata-se de uma leitura espiritual do morrer e do renascer, que acompanha o desenvolvimento do praticante.

A Deusa e o Deus podem ser encontrados como presenças devocionais e como princípios que também vivem em nós. O sagrado se torna próximo quando reconhecemos que nosso corpo, nossas mudanças e nossos processos interiores pertencem à mesma existência que celebramos na Terra.





Magia, templo e mistérios vivenciais

Na compreensão wiccana, a magia pertence à natureza. Ela expressa a possibilidade de transformação pela relação entre a força interior do praticante e as forças do mundo. A imagem de uma semente ajuda a compreender essa relação: seu desenvolvimento depende de condições, cuidado, tempo e participação. A intenção integra um processo, em vez de abolir suas condições.

A prática se volta primeiro à Deusa e ao Deus e, também, aos quatro elementos da tradição ocidental: Ar, Fogo, Água e Terra. Eles representam aspectos materiais, dimensões da consciência e forças em equilíbrio dinâmico. Sua linguagem permite reconhecer relações entre o que acontece em nós e o que percebemos na natureza.

O altar devocional costuma ser um espaço pessoal e relativamente fixo, dedicado à honra das divindades. O altar operacional é organizado para o trabalho ritual. Dentro do Círculo Mágico, os instrumentos representam as forças com as quais o praticante se relaciona. O altar funciona como um microcosmo: uma organização simbólica do universo em escala ritual.

O círculo reúne proteção, comunhão e direcionamento de energia. Ele representa a totalidade, os ciclos e a relação entre divindades e elementos. Sua função será aprofundada adiante; por enquanto, importa reconhecer que ele é o templo ritual da Wicca e que sua experiência ultrapassa o simples desenho de uma circunferência.

O caráter sacerdotal se desenvolve pelo estudo, pelo treinamento e pelos ritos de passagem. Iniciar significa também transformar-se, fechar uma etapa e abrir outra. Esse amadurecimento alcança dimensões físicas, psíquicas, espirituais e nossa relação com a natureza. A prática solitária também pode carregar essa dinâmica iniciática.

Os mistérios podem designar ensinamentos reservados em certas linhagens ou experiências que só se compreendem ao vivê-las. Nessa segunda perspectiva, associada também ao pensamento de Starhawk, mito, rito e poesia expressam aquilo que a razão linear não esgota. Na Tradição de Taliesin, a transmissão é pública e os mistérios permanecem vivenciais.





A ética da liberdade responsável

A liberdade espiritual exige consciência de seus efeitos. Na Wicca, autonomia e autorresponsabilidade se encontram: quem escolhe agir também precisa reconhecer as consequências de sua ação. A ética não se limita à execução de feitiços. Ela atravessa vínculos, decisões cotidianas e a maneira de participar do mundo.

O não proselitismo é parte desse compromisso. A Wicca não se apresenta como o único caminho verdadeiro e não procura converter outras pessoas. A diversidade das crenças pode ser reconhecida como expressão da pluralidade da vida. Quem deseja se aproximar da Arte precisa fazê-lo por vontade própria, inclusive ao procurar um coven ou uma tradição.

A Lei Tríplice exprime a crença de que aquilo que realizamos retorna de forma triplicada, seja positivo ou negativo. Nesse entendimento, a consequência não representa uma punição divina: remete à ação e à reação e solicita consciência sobre nossos gestos. A responsabilidade não pode ser transferida aos Deuses quando uma escolha produz prejuízo.

A Rede Wiccana reúne liberdade e cuidado em sua máxima: “Faça o que desejar, desde que a ninguém prejudique.” O “ninguém” inclui a própria pessoa, os outros seres e o meio ambiente. A vontade precisa ser examinada à luz das relações que estabelece e dos efeitos que pode provocar.

A existência é compreendida como uma grande teia. Cada ação reverbera no conjunto, e o conjunto também nos alcança. Esse entendimento pede autoconsciência, autoconhecimento e autoaperfeiçoamento. A escolha iniciática marca um compromisso que se aprofunda com os anos de prática, na relação com a Deusa, o Deus e os elementos.

Escolher a Wicca exige considerar sua história, seus paradigmas e o impacto que ela pode ter em nosso desenvolvimento. Uma intuição pode inaugurar a aproximação, mas a jornada continua no estudo e na reflexão crítica. A prática precisa ter lugar em uma vida concreta e pode acompanhar suas metamorfoses por muitos anos.





O Caminho da Flor de Verbena

O pentagrama é um símbolo compartilhado por diferentes tradições mágicas e esotéricas. Na Wicca, ele ganha sentidos próprios como identidade, instrumento e linguagem ritual. Na Tradição de Taliesin, evoca também a flor de verbena, planta sagrada relacionada aos processos de transformação.

O pentagrama é a estrela de cinco pontas; sua presença no pantáculo, o disco consagrado do altar, torna material uma parte dessa linguagem. Traçado ritualmente no ar, estabelece relações entre Espírito e elementos, em práticas de invocação ou banimento. Seus usos específicos serão estudados quando alcançarmos os ritos correspondentes.

A figura também representa o corpo humano aberto: cabeça elevada, braços e pernas estendidos. Os quatro membros evocam Terra, Água, Ar e Fogo, reunidos pelo Espírito. O corpo aparece como templo, capaz de receber e expressar o sagrado. A postura simboliza reverência e disponibilidade diante da existência.

Essa geometria nos recorda o movimento entre espírito e matéria. As forças do mundo se encontram em nós, e nossa experiência interior também se manifesta no mundo. Por isso, o pentagrama oferece ritmo, direção e coerência ao trabalho mágico e meditativo.

O Caminho da Flor de Verbena utiliza seus cinco pontos como apoio para a preparação do buscador. Começamos pelo Espírito, passamos à Terra, seguimos pela Água e pelo Ar, alcançamos o Fogo e retornamos ao Espírito. Cada passagem ilumina uma exigência: escolher, aprender, sentir, discernir e fazer.

Essa sequência organiza uma reflexão filosófica; aqui, ela não constitui uma nova instrução de traçado ritual. Seu propósito é reconhecer como os elementos participam da formação da consciência. A estrela deixa de ser apenas algo que usamos e passa a ser uma imagem do compromisso que precisamos cultivar.





Espírito: reconhecer o próprio chamado

A primeira ponta nos devolve uma pergunta que não se encerra com o ingresso na Arte: por que desejo esse caminho? A resposta pode mudar com a experiência. Retomá-la ao longo dos anos permite perceber se nossa escolha permanece viva ou se foi substituída por uma identidade que repetimos sem examinar.

Sentir-se bruxa ou bruxo desde cedo pode ser uma semente, mas não substitui o ofício. Dons supostos, lembranças de outras vidas ou um destino imaginado não determinam a jornada atual. O compromisso precisa existir no presente, por meio daquilo que fazemos e da responsabilidade que assumimos.

A estética dos filmes, o ilusionismo e as fantasias sobre poder podem permanecer em nossas expectativas mesmo quando acreditamos tê-los superado. A Wicca é uma experiência religiosa e espiritual. Aproximar-se dela exige distinguir esse compromisso das imagens de realização imediata ou de refúgio para questões ainda não elaboradas.

Na narrativa de formação aqui adotada, Gardner aparece associado ao ingresso pela iniciação ritual, enquanto Alex Sanders é relacionado à organização de um período prévio de dedicação. O valor dessa preparação está em oferecer tempo para refletir, estudar e experimentar antes de assumir um compromisso. A escolha precisa amadurecer.

Preservamos as perguntas que orientam essa passagem:

Por que desejo trilhar esse caminho?

O que significa, para mim, ser uma bruxa ou um bruxo taliesiniano?

Será que essa definição mudará com o tempo, conforme minha prática se aprofunde?

Será que não estou alimentando alguma fantasia inconsciente?

Minha vontade é verdadeira ou apenas curiosidade disfarçada de chamado espiritual?

Essas perguntas não possuem respostas prontas. A liberdade inclui reconhecer que este pode não ser o seu momento ou o seu caminho. A verdade da experiência mágica se revela na vivência, e cada pessoa precisa descobrir se ela encontra ressonância em sua própria existência.





Terra: construir uma base de conhecimento

A Terra apresenta a resistência do que precisa ser construído. Ela solicita constância, humildade e disposição para superar a inércia, sobretudo intelectual. Aprender exige enfrentar ideias que podem desestabilizar convicções antigas. Começar é aceitar que ainda não sabemos e que o conhecimento poderá transformar aquilo que julgávamos seguro.

A linguagem cabalística oferece uma correspondência para esse movimento: a passagem de Malkuth para Yesod, da base terrestre a outras possibilidades de consciência. A Cabala participa de referências incorporadas ao treinamento e aos ritos taliesinianos. Nesta etapa, a imagem destaca a importância de uma sustentação sólida antes de buscar voos mais altos.

A Wicca pede uma biblioteca, pois seu conhecimento se distribui entre autores, práticas e áreas distintas. O Livro das Sombras reúne a liturgia e os registros de um praticante, coven ou tradição. Ele oferece uma base situada e não constitui um cânone universal capaz de encerrar todos os sentidos da Bruxaria.

A transmissão oral tem seu lugar, mas livros e pesquisas também participam da formação. Além de autores wiccanianos, precisamos conhecer contribuições da história, antropologia, arqueologia e psicologia. A organização moderna da religião dialogou com literaturas, hipóteses acadêmicas e o romantismo ocultista, depois atravessados pela contracultura.

O mercado editorial oferece obras de qualidade desigual. Algumas aprofundam a experiência; outras favorecem consumo rápido, fantasia e uma espiritualidade de aparência. A seleção exige critério. Ler em português e, quando possível, em inglês amplia o acesso às referências, mas nenhum idioma garante por si só a qualidade do conteúdo.

Em vez de depender apenas da preferência por um nome, podemos organizar a leitura por temas. Esse método favorece o encontro com perspectivas distintas. A Terra nos ensina que acumular títulos não equivale a adquirir fundamento: é necessário compreender os conhecimentos em seus contextos, diferenças e relações.





Terra: organizar a biblioteca de formação

O primeiro passo de leitura é construir um panorama geral da Wicca. A orientação é conhecer pelo menos dez livros introdutórios de autores e perspectivas diferentes, contemplando história, crenças, fundamentos e práticas. Essa diversidade constitui uma base para escolhas posteriores e pede tempo, pois muitas obras são extensas.

Depois, aprofunde a história da Wicca e da Bruxaria por meio de obras acadêmicas e referências históricas. Estude a Inquisição, a elaboração da bruxa diabólica, a superstição e as dimensões políticas e sociais da perseguição. Religiões minoritárias, marginalização e gênero precisam participar desse olhar.

Artigos acadêmicos podem ampliar a investigação. Margaret Murray, Charles Leland e James Frazer, entre outros, ajudam a compreender influências sobre o pensamento mágico. Leia-os como intérpretes situados em seu tempo, observando suas contribuições e limites, em vez de atribuir-lhes uma verdade absoluta.

Com essa base, estude *A Bruxaria Hoje* e *O Significado da Bruxaria*, de Gardner. Compare seus discursos com as perspectivas já conhecidas e examine tensões históricas e antropológicas. Compreender por que alguém escreveu de determinada maneira exige conhecer o contexto em que sua interpretação se formou.

A etapa seguinte amplia o estudo para magia cerimonial, ocultismo ocidental e suas correntes, astrologia, alquimia e psicologia profunda. Inclua mitologia comparada, psicologia junguiana, antropologia, sociologia e política. Esses conhecimentos favorecem uma leitura madura de temas como ecofeminismo, espiritualidade libertária e justiça social.

Esse percurso poderá envolver ao menos trinta livros e formar uma biblioteca de trabalho. Depois, será possível refinar assuntos, retomar dificuldades e aprofundar interesses. A orientação inicial é ler sem obrigação de praticar imediatamente. Uma base consistente torna a experiência posterior mais consciente e evita que o desejo de agir substitua o preparo.





Água: o mergulho nos afetos

A Água nos leva a um território que o conhecimento intelectual, sozinho, não alcança. Sentimentos, humores, emoções e memórias afetivas participam da experiência espiritual. Mares, lagos e rios evocam suas oscilações e, na espiritualidade celta, podem simbolizar passagens ao Outro Mundo.

Algumas lembranças permanecem próximas da superfície; outras se depositam no fundo de nossa lagoa interior. Ao remexer o caldeirão, a jornada pode trazer à consciência conteúdos antes evitados. A purificação representa esse trabalho de reconhecer e elaborar aquilo que interfere em nosso modo de viver e de iniciar novas etapas.

No Caminho Taliesiniano, buscar Awen inclui despertar potencialidades, desenvolver-se e aprofundar a relação com a natureza. É uma conquista interior. Esse processo solicita examinar crenças herdadas, convicções sociais e ideias que tomamos como próprias, embora tenham sido recebidas sem escolha consciente.

A introspecção pode exigir contato com experiências dolorosas. O lótus que nasce da lama oferece uma imagem dessa transformação: a beleza não dispensa as profundidades de onde emerge. As sombras aqui incluem projeções, desejos inconscientes, egoísmo e formas de autossabotagem. Hécate será nossa guia simbólica nesse estudo posterior.

As perguntas dessa passagem são: “Estou disposto a me desconstruir? Estou pronto para abandonar crenças antigas sobre mim mesmo, sobre o que aprendi na sociedade? Ou não?” Se a resposta for negativa, reconhecer isso também pode ser um gesto de maturidade. Ao estudar, observe como os afetos participam de suas escolhas. Uma emoção merece escuta e expressão, mas nem sempre precisa determinar sozinha o que fazemos.

O desenvolvimento do diário de autoconhecimento ajudará a investigar essas relações. Tarô, I Ching, runas e Ogham também podem ser utilizados como recursos de exploração simbólica. O propósito é conhecer-se com maior profundidade, cultivando um “poder com” os próprios afetos. Essa investigação acompanha o aprendizado e se refina com a prática.





Ar: discernimento, lucidez e realidade

O Ar se relaciona ao pensamento, à fala e à reflexão crítica. Ele oferece clareza para examinar o que aprendemos e vivenciamos. Um caminho espiritual pode tornar-se terreno de fanatismo quando perde a capacidade de questionar. Na Arte, lucidez e responsabilidade precisam acompanhar o encantamento.

Uma afirmação não se torna verdadeira apenas porque foi apresentada como sagrada. Não devemos atribuir nossa palavra à Deusa ou ao Deus para escapar da responsabilidade por ela. Falamos em nosso próprio nome e precisamos reconhecer os limites de nossas interpretações.

Ciência e espiritualidade podem participar de uma vida equilibrada. Um trabalho mágico voltado à cura não substitui consulta médica nem tratamento prescrito. O cuidado ritual pode coexistir com a assistência científica. Esse equilíbrio também encontra expressão nos Três Caminhos da Tradição, que serão aprofundados adiante.

Durante o rito, podemos viver o símbolo com entrega; depois, precisamos retomar a análise. A imagem de uma criança com sua varinha e de um adulto que observa criticamente expressa essa alternância. Tomar o símbolo como verdade absoluta favorece ilusões. Acolhê-lo como linguagem permite investigar o que ele revela.

Conteúdos do inconsciente pessoal ou coletivo, percepções interiores e experiências interpretadas como astrais podem conter projeções. Consciência e inconsciente se complementam. Uma atitude analítica, e até cética, não exige rejeitar tudo: solicita examinar sentimentos, intuições e insights sem transformá-los imediatamente em certezas.

Escrever com suas próprias palavras o que aprendeu e formular indagações ajuda nesse processo. Ao investigar os sentimentos, preserve estas perguntas: “Por que estou sentindo isso? Por causa de quem? Em qual contexto?” A humildade cresce quando reconhecemos a complexidade da experiência. Bruxas e bruxos trabalham, pagam contas e se cansam; sua vida não precisa imitar uma performance espiritual de consumo e visibilidade.





Fogo: trabalhar, transformar e retornar

O Fogo conduz ao fazer aquilo que foi estudado, sentido e examinado. Uma estante cheia não realiza a jornada por nós. No ocultismo, a imagem do “mago de poltrona” nomeia essa distância entre possuir informações e vivê-las. A busca por Awen exige participação, disposição e trabalho.

O provérbio “Leia, releia, reze e trabalhe” oferece uma síntese desse movimento. Terra, Água e Ar preparam a experiência; o Fogo transforma a matéria bruta. O trabalho espiritual aqui não se define pela lógica capitalista da produção e do acúmulo. Ele diz respeito ao amadurecimento interior e à transformação consciente do ser.

A prática produz experiência; a experiência gera conhecimento; o conhecimento aperfeiçoa a prática. Esse ciclo também permite ampliar e revisar o que foi recebido de praticantes anteriores. O legado de Gardner e de outras vozes continua a encontrar novas possibilidades por meio do estudo e do trabalho mágico.

O altar é uma mesa de trabalho. O ritual reúne ações capazes de transformar a consciência de quem se envolve. Mesmo quando há um orientador, sacerdote ou sacerdotisa, ninguém utiliza os instrumentos interiores em nosso lugar. O preparo oferece recursos; o praticante precisa aprender a empregá-los.

Os ritos são realizados e retomados. A repetição dos sabás e esbás favorece aprofundamento, pois cada celebração encontra uma pessoa modificada pela vida. Uma única Roda do Ano não esgota o significado de um sabá, assim como uma única luação não encerra a experiência de um esbá.

Um rito simples pode oferecer grande complexidade vivencial. Fazer e refazer amplia percepções e abre camadas de compreensão. Ao retornar ao Espírito, o caminho reencontra a pergunta inicial com outra maturidade: por que escolho essa senda e como minha experiência modificou o sentido de escolhê-la? A estrela continua a ser percorrida.





A história da Tradição de Taliesin

A Tradição de Taliesin é um ramo contemporâneo da árvore wiccana. Sua história começa antes de sua fundação formal, na trajetória de Sérgio Lourenço. Na adolescência, a convivência com sua avó materna, Shirley Steinmeyer, ofereceu contato com livros de ocultismo, magia cerimonial e Teosofia. Shirley não se nomeava bruxa, mas esse ambiente favoreceu a aproximação com a Arte.

A leitura de *Wicca: Crenças e Práticas*, de Gary Cantrell, ajudou a dar nome à experiência espiritual que se formava. Por volta dos doze anos, outra presença importante foi sua prima Tuta, taróloga na antiga loja Abracadabra, no bairro Campo Belo, em São Paulo.

Tuta realizou sua primeira iniciação aos dezesseis anos, na Lua Nova de 6 de julho de 2005. Seguiram-se estudos solitários, tentativas de organizar círculos e encontros públicos no interior paulista, primeiro em Leme e depois em Araras. O aprendizado se desenvolveu entre experiências pessoais e iniciativas coletivas.

Entre 2017 e 2019, Sérgio percorreu um processo iniciático na Tradição Gardneriana. Essa vivência contribuiu para sua compreensão de sacerdócio e liturgia. Ao mesmo tempo, favoreceu o reconhecimento de que precisava organizar um caminho próprio, capaz de reunir seus aprendizados e dialogar com as necessidades de outros buscadores.

Em 10 de junho de 2021, fundou oficialmente a Tradição de Taliesin. Durante seus primeiros cinco anos, até agosto de 2026, ela adotou uma organização reservada, com graus iniciáticos e acesso restrito ao coven. Esse modelo foi vivido, examinado e posteriormente transformado.

Em agosto de 2026, uma decisão compartilhada com os membros abriu a transmissão. A criação da Seax-Wica por Raymond Buckland, nos anos 1970, foi uma inspiração para essa mudança. O propósito de autoconhecimento, transmutação e sacerdócio devocional permaneceu; a organização passou a favorecer o acesso público e a autonomia.





Uma tradição pública, uma escolha soberana

A abertura tornou acessíveis os conhecimentos teóricos, práticos e litúrgicos da Tradição. A autodedicação passou a ser sua via central: um compromisso direto, ético e pessoal com a natureza e com Cerridwen e Herne. A plenitude da prática solitária não depende da concessão de um título por outra pessoa.

A transmissão oferece um mapa compartilhado. Ele organiza o percurso e ajuda a reconhecer suas etapas, mas a caminhada permanece responsabilidade de quem o utiliza. Descansar, retomar um estudo e rever dificuldades também fazem parte da formação. Pular etapas não oferece maturidade nem transforma a jornada em uma busca por títulos.

O pertencimento não exige taxa de filiação e ninguém está autorizado a vender cursos da Tradição. Seu conhecimento é compartilhado para favorecer a prática, preservando a autoria e os direitos intelectuais de seu fundador. Não existem órgãos encarregados de fiscalizar a experiência ou cobrar por sua legitimidade espiritual.

O primeiro movimento é conhecer o percurso completo com senso crítico e paciência. Depois, as rotinas e práticas são vivenciadas progressivamente. A autodedicação marca o compromisso de abraçar os Deuses e a vida ritual da Tradição. A continuidade acontece dia a dia e estação a estação, por meio de celebrações, aprendizado e partilha.

O Livro das Sombras oferece sustentação para essa experiência. Ele deve ser compreendido como base litúrgica, preservada com atenção, e não como dogma. Os mistérios continuam a exigir vivência: a intuição, a comunhão e o encontro com Awen não se tornam experiências pessoais apenas porque seus ensinamentos foram publicados.

Podemos caminhar sozinhos, em parceria ou em um coven autofundado. Formar um grupo é uma possibilidade orgânica, que pede maturidade e afinidade. A família espiritual pode acolher encontros e despedidas sem aprisionar seus membros. Respeitar a Rede Wiccana, buscar Awen e amar a Terra orienta essa liberdade, que a Tradição associa à Era de Aquário.





Cerridwen, Herne e a linguagem da Tradição

Cerridwen e Herne são os Deuses guardiões do caminho. Ela mexe o caldeirão e evoca a transformação contínua da vida; ele representa o caçador em movimento e o desejante que busca seu desejo. Juntos, expressam forças que retiram a alma da inércia e favorecem sua metamorfose.

O número três participa dessa linguagem: os raios de Awen, associados simbolicamente às posições solares nos solstícios e equinócios; as três gotas que despertam Gwion Bach; e os caldeirões do Aquecimento, do Movimento e da Sabedoria, relacionados ao Eu Inferior, Médio e Superior. Os Três Caminhos articulam vida profissional e cotidiana, relações afetivas e familiares e experiência espiritual.

O mito de Taliesin oferece uma bússola. Servir ao caldeirão por um ano e um dia simboliza paciência, estudo e dedicação. Provar a poção evoca o despertar da sabedoria; fugir e mudar de forma recorda a necessidade de vivê-la no mundo. O renascimento como Taliesin representa maturidade e autonomia. Esses sentidos serão aprofundados nas etapas dedicadas ao mito.

A espiritualidade taliesiniana privilegia devoção, sacerdócio e transmutação interior. Luz e escuridão, forma e força, feminino e masculino são polaridades cosmológicas. Na Roda do Ano, a Deusa é honrada na metade clara e Herne na metade escura. As Luas Novas se voltam a Hécate; as Luas Cheias recebem nomes ligados aos ciclos ecológicos do Sudeste brasileiro, com possibilidade de adaptação regional.

A túnica branca honra Cerridwen. O pentagrama evoca a verbena e a Arte; os cordões simbolizam Céu, Terra e Mar. O Caldeirão, também representado pelo Cálice, acolhe, purifica e nutre: é matriz e receptáculo de Awen. A Espada, também representada pelo Athame, expressa clareza, independência e soberania sobre a própria história.

Esses símbolos oferecem uma linguagem para a experiência. A ferramenta e o rito sustentam a relação com o sagrado, enquanto sua profundidade se revela na vivência. O caminho nasceu de uma elaboração autoral e tornou-se uma herança compartilhada por quem deseja integrá-lo com amor, beleza e responsabilidade.





Nove princípios: a bússola interior

Os princípios oferecem orientação para o que estudamos, celebramos e escolhemos. Seu sentido amadurece quando deixa de ser uma lista e se torna uma maneira de observar a própria vida. Os cinco primeiros explicitam o compromisso ético e devocional do caminho.

1. Soberania. A autodedicação afirma uma relação direta com os Deuses. Na compreensão da Tradição, Cerridwen e Herne são aqueles que podem verdadeiramente tornar alguém bruxa ou bruxo, sacerdote ou sacerdotisa. A soberania solicita assumir a própria jornada, em vez de depender de uma autoridade humana que determine seu valor espiritual.

2. Liberdade. A experiência precisa respeitar a liberdade pessoal e a consciência de seus riscos. Ser livre inclui reconhecer limites e coerência. A escolha espiritual não nos desobriga de examinar o que fazemos, nem autoriza transformar o desejo em justificativa para qualquer conduta.

3. Responsabilidade. Ninguém avança por você, nem mesmo os Deuses. As consequências precisam ser reconhecidas por quem age. Esse princípio está ligado à Rede Wiccana e ao compromisso de realizar a própria vontade sem prejudicar outros seres, a si mesmo ou a Terra.

4. Devoção. A Tradição compreende a devoção como um caminho seguro para os mistérios da Arte. Ela é uma relação carinhosa e consciente, capaz de reconhecer por que um gesto é realizado. O vínculo com o sagrado se aprofunda pelo cuidado e pela presença, sem exigir uma entrega cega.

5. Compromisso com a Evolução. Instrumentos, conhecimento e prática devem servir ao desenvolvimento do ser em todos os níveis. O autoaperfeiçoamento e o autoconhecimento são contínuos. A experiência espiritual solicita que examinemos como estamos vivendo e o que ainda precisa ser trabalhado.

Esses princípios se sustentam mutuamente. A liberdade precisa de responsabilidade; a soberania pode aprofundar a devoção; e o compromisso com a evolução oferece direção a ambas. Sua força está na relação que estabelecem entre a vida cotidiana e a experiência religiosa.





Inspiração, postura, respiração e meditação

Os quatro princípios seguintes aproximam o compromisso espiritual das condições de sua prática. A inspiração pede um veículo; o veículo precisa de presença. Corpo e consciência participam juntos do desenvolvimento da Arte.

6. Inspiração. Awen é a gênese do Caminho Taliesiniano. A inspiração divina deve ser explorada e vivenciada em diferentes níveis da existência. Seu estudo não se encerra em uma definição: ele nos convida a perceber o que anima nossas escolhas, como criamos e de que modo a experiência encontra sentido.

7. Postura. A forma oferece um veículo à força. Ela pode se moldar conforme a necessidade de manifestação. Uma postura ritual solicita compreender o gesto e habitar sua intenção. A forma sustenta a experiência quando permanece viva e coerente com o que deseja expressar.

8. Respiração. Inspirar e expirar lenta e profundamente acompanha a aproximação ao estado meditativo. A respiração participa da organização da atenção e da presença corporal. Suas instruções práticas serão desenvolvidas na etapa de treinamento, preservando a preparação proposta.

9. Meditação. A meditação é a base da vida espiritual e da magia neste caminho. Ela favorece a relação consciente consigo e com o sagrado. Seu desenvolvimento pede continuidade e será trabalhado por meio do exercício original de acesso à mente meditativa.

Conhecer os nove princípios prepara a próxima passagem, em que Awen, as consciências e os registros da jornada serão aprofundados. O treinamento não promete atalhos. Ele oferece sustentação para que cada buscador conheça o percurso, viva suas etapas e perceba o que esse encontro transforma em sua existência.

O compromisso pode ser revisto à luz da experiência, sempre com senso crítico e respeito ao tempo de amadurecimento. Por todos os atos de amor e beleza, por Awen: que a escolha encontre raízes e que essas raízes permitam crescer.





Referências e continuidade

Base desta formação

LOURENÇO, Sérgio. *O Caldeirão & a Espada: O Caminho Taliesiniano de Wicca*. Manuscrito fornecido pelo autor. Prefácio, introdução e fundamentos da lição “Bruxaria & Wicca”, reorganizados e reescritos para esta sequência de estudos.

Leituras da bibliografia de formação

HIGGINBOTHAM, Joyce; HIGGINBOTHAM, River. *Paganismo: uma Introdução à Religião Centrada na Terra*. São Paulo: Madras, 2003.

GARDNER, Gerald. *A Bruxaria Hoje*. São Paulo: Madras, 2003.

GARDNER, Gerald. *O Significado da Bruxaria*. Madras, 2018.

CANNON REED, Ellen. *A Cabala das Feiticeiras*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2001.

JUNG, Carl G. et al. *O Homem e Seus Símbolos*. Tradução de Maria Lúcia Pinho. 3. ed. especial. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.

STARHAWK. *A Dança Cósmica das Feiticeiras: Guia de Rituais para Celebrar a Deusa*. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

RUSSELL, Jeffrey B.; BROOKS, Alexander. *História da Bruxaria*. Tradução de Álvaro Cabral e William Lagos. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2019.

As indicações acima integram a bibliografia de formação. Elas não substituem o percurso de leituras por temas apresentado nesta apostila, que solicita diversidade de autores e perspectivas.

Próxima etapa

Apostila 03 · Onde está o seu Awen? Inspiração, consciência e registros. Awen, organização da rotina, três consciências, privacidade e registros da jornada. Nessa etapa será apresentado o Exercício 1: construção dos livros de registros.

